

Portugal e a Lusofonia na União Europeia: 'Uma janela para o mundo'

João Vítor da Costa Redondo

Novembro de 2008

Introdução

As Comunidades Europeias surgiram numa estratégia de maior colaboração e cooperação no espaço europeu, espaço este sempre caracterizado, até então, por ser o epicentro dos grandes conflitos regionais e mundiais. Nesse sentido, os Estados europeus acharam que o melhor caminho, para um ambiente estável e próspero na Europa, seria o do institucionalismo, através das Comunidades Europeias.

Portugal viria aderir em 1986 e comprometeu-se, desde logo, com o projecto europeu, tornando-se um membro fiel ao aprofundamento da, agora denominada, União Europeia (UE). No entanto, os mais cépticos vão erguendo as suas vozes, enquanto este processo se vai adensando, assentes no argumento de que a soberania de Portugal está em causa, na mesma medida que as culturas e identidades nacionais se vão diluindo fruto de imposições e restrições colocadas pelas instituições europeias em prol de uma identidade europeia.

Se for esse, de alguma forma, o caso, Portugal encontra-se numa posição delicada, isto porque a sua relevância no seio da União Europeia está longe de ser significativa ao pé de Estados como a França, a Alemanha, o R. Unido, a Itália e mesmo a Espanha.

Este trabalho incidirá no papel de Portugal na União Europeia, principalmente no que diz respeito à importância da lusofonia no espaço europeu, sendo que o seu principal argumento é o facto de esta se tratar, efectivamente, de uma língua global. Num momento em que os esforços em torno de uma simplificação linguística na Europa se vão intensificando, qual

o posicionamento da lusofonia, e de Portugal, no sentido de garantir o devido reconhecimento da língua portuguesa na Europa?

As palavras de Fernando Pessoa, '*A minha pátria é a língua portuguesa*¹', nunca tiveram tanto sentido como nos dias de hoje, dada a forma evolutiva com que ele encarava a língua, bem patente no seu uso dos heterónimos. Isto tem especial relevância numa altura em que se introduziu um novo acordo ortográfico, como estratégia de promoção e defesa da língua portuguesa no Mundo, mas que, no entanto, gerou muita discussão e polémica.

1. O IDEAL EUROPEU

Os países europeus desenvolveram em meio século algo que até então parecia impossível, uma comunidade constituída pelos países europeus, e, embora muitos não prevejam grande futuro para a, actual, União Europeia, por variadíssimas razões, como são os interesses particulares dos Estados que condicionam a acção desta, não deixa de ser verdade que o nível de integração já atingido, principalmente na área económica, é fenomenal.

A União Europeia forma aquilo que se poderá chamar de «ideal europeu», assente no desenvolvimento económico-social e na democracia político-partidária, sendo um projecto tremendamente ambicioso com desafios imensos².

Nas palavras de Vítor Martins, 'a União Europeia existe porque é necessária'. Facilmente vislumbramos factos em favor do processo de integração europeu, tais como a 'paz e desenvolvimento como nunca a Europa tinha conhecido na sua história'³. Neste momento, o fracasso deste

¹ Escrito sobre o nome de Bernardo Soares, um dos heterónimos de Fernando Pessoa, na obra *Livro do Desassossego* (ver: Bernardo Soares, *Livro do Desassossego*, Coimbra, Alma Azul, 2007.).

² Fernando Santos Neves, "11 teses sobre a lusofonia", *Ciberdúvidas da Língua Portuguesa*, 2003 (em <http://www.ciberduvidas.com/lusofonias.php?rid=110>).

³ Vítor Martins, "A Insustentável Leveza Política da União Europeia", *Revista Relações Internacionais*, Vol. 2, Junho de 2004, p. 25.

processo seria um enorme revés aos maiores interesses de Portugal⁴. No entanto, e ainda sobre este processo de integração, Álvaro de Vasconcelos afirma que o pensamento próprio de Portugal sobre este processo é o de um «verdadeiro federalismo», ou seja, um 'modelo de governança assente na solidariedade e na dupla legitimidade dos Estados e dos cidadãos, e não um modelo à «americana» de super-estado federal europeu onde se estabeleceria o verdadeiro sentimento de uma identidade única⁵.

Para Nicole Gnesotto e Giovanni Grevi, a Europa e a União Europeia, mais concretamente, continuarão a ser, nas próximas décadas, das regiões mais ricas e seguras no Mundo, mas, deverá encarar com uma maior seriedade a sua enorme dependência energética de outros pontos do globo, sendo importante para isso manter-se na frente do desenvolvimento das energias renováveis. Aliada a esta dependência energética estarão outros dois grandes problemas, o envelhecimento da população e uma, cada vez maior, polarização social⁶. A maior força da União Europeia será, por outro lado, a sua 'experiência em matéria de integração e de estabilização, bem como na aptidão para criar e difundir uma nova sintaxe das relações internacionais⁷.

Por seu lado, Eric Hobsbawm aponta que a União Europeia é desprovida de legitimidade popular e de autoridade eleitoral, uma vez que, segundo ele, menos de metade dos europeus se preocuparam em eleger os seus representantes no Parlamento Europeu. No final de contas, ainda não existe um «povo europeu», mas sim um conjunto de povos membros⁸. Isto faz diferença quando se procura aprofundar o processo de integração, levando a resultados como os constatados nos referendos sobre o Tratado Constitucional, em França e Holanda, e sobre o Tratado de Lisboa, na República da Irlanda.

⁴ *Id.*, p. 30.

⁵ Álvaro de Vasconcelos, "Os Trabalhos da União", *O Mundo em Português*, nº 56, Setembro/Outubro de 2004, p. 4.

⁶ Nicole Gnesotto e Giovanni Grevi, *O Mundo em 2025*, Lisboa, Editorial Bizâncio, 2008, pp. 209-210.

⁷ *Id.*, p. 214.

⁸ Eric Hobsbawm, *Globalização, Democracia e Terrorismo*, Barcarena, Editorial Presença, 2008, p. 110.

2. A LÍNGUA EUROPEIA

Nas palavras de José Palmeira, a língua é um 'fenómeno sócio-cultural cuja perenidade sobrevive a manifestações hostis e cuja adopção pode funcionar como argamassa para unificar o Estado e cimentar o relacionamento entre povos'⁹. O desenvolvimento de uma União Europeia cada vez mais unida poderia passar por esse caminho, não fosse a enorme heterogeneidade linguística que caracteriza o espaço europeu.

De facto, como Roberto Carneiro já apontava em 1988, a União Europeia representa um, cada vez maior, mosaico linguístico em torno do qual se procura criar um sentimento de unidade¹⁰. Se com 12 Estados-membros esta caracterização já se verificava, estas dinâmicas vêm-se reforçadas num espaço alargado a 27 Estados que partilham, entre si, 23 línguas.

Para Palmeira, a criação de comunidades entre Estados que visam 'cimentar o relacionamento entre povos' não deve nem pode significar que os idiomas utilizados nesse espaço, quer sejam em maioria ou minoritários, sejam desrespeitados e não possam conviver juntamente com outros idiomas¹¹. Isto vai de encontro com o que Carneiro já havia referido, em que a diversidade linguística num espaço como é o da União Europeia¹², não deve ser encarado como uma ameaça à unidade dos Estados, mas antes como um dos maiores valores identificativos do espaço europeu, adiantando que a diversidade acaba por desempenhar um papel fundamental na habilidade de comunicar por parte dos europeus a um nível global¹³. 'A diversidade europeia é um dos trunfos da UE e não, como alguns pretendem, um obstáculo à integração'¹⁴.

⁹ José Palmeira, *O Poder de Portugal nas Relações Internacionais*, Lisboa, Prefácio, 2006, p. 169.

¹⁰ Roberto Carneiro, *Language Learning in Europe: The Challenge of Diversity*, Estrasburgo, Council of Europe Press, 1994, p. 33.

¹¹ Palmeira, *op. cit.*, pp. 169-170.

¹² Na altura ainda Comunidade Europeia pois só em 1992 alterou a sua denominação na sequência do Tratado de Maastricht.

¹³ Carneiro, *op. cit.*, p. 33.

¹⁴ Martins, *op. cit.*, p. 31.

Carneiro prossegue a sua posição, indicando que o futuro e sucesso da União Europeia¹⁵ passam pela sua capacidade de compreender e aceitar as diferenças existentes entre os Estados que a compõem¹⁶. O princípio de igualdade dos Estados terá de ser reconhecido, assente no respeito das identidades de cada Estado-membro. Esse respeito deverá estar claramente consagrado numa futura Constituição Europeia¹⁷.

A União Europeia, no entanto, também não representa um espaço homogêneo em termos de distribuição de poder e influência entre os Estados, pelo menos na prática. Efectivamente, como aponta Samuel P. Huntington, a França e a Alemanha lideraram desde sempre a evolução do processo de integração europeu, auto-considerando-se como o núcleo da própria União Europeia, tendo esse pensamento se verificado com maior incidência no período pós-Guerra Fria¹⁸. Esta situação, apresenta-se muitas vezes como uma ameaça aos interesses dos Estados-membros com menor capacidade de influência, podendo ser prejudicados em qualquer área, inclusive no campo cultural e no domínio linguístico. Não nos devemos esquecer a importância que o Estado francês e os seus cidadãos dão à defesa da francofonia, quer no espaço europeu, quer no continente africano, assim como a importância da língua alemã no seio da União Europeia. Ora, o português, apesar de ser uma língua com mais falantes no Mundo que o francês e o alemão, não dispõe da mesma relevância destas no espaço europeu, tendo uma importância muito maior em termos globais dada a dispersão dos Estados lusófonos pelos vários continentes do Mundo.

Carneiro, ainda enquanto Ministro da Educação Português, já salientava a importância de um maior investimento humano, por parte das instituições europeias, no multilinguismo, tendo em vista dotar, os cidadãos europeus, com ferramentas de forma a beneficiarem de uma compreensão mútua¹⁹. Esta ideia de promoção do multilinguismo, no seio da União

¹⁵ Na altura ainda Comunidade Europeia pois só em 1992 alterou a sua denominação na sequência do Tratado de Maastricht.

¹⁶ Carneiro, *op. cit.*, p. 36.

¹⁷ Martins, *op. cit.*, p. 31.

¹⁸ Samuel P. Huntington, *The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order*, Nova Iorque, Simon and Schuster Paperbacks, 2003, pp. 157-158.

¹⁹ Carneiro, *op. cit.*, p. 33.

Europeia, deverá ser transportada para as empresas europeias como a melhor estratégia de competição num mercado global, este facto pode levar a uma aposta séria, das empresas europeias, na língua portuguesa, dada a sua dimensão em termos globais, principalmente num mercado como o brasileiro²⁰.

Ribeiro e Castro lançou o conceito de 'línguas europeias de comunicação universal', tendo-se batido, enquanto eurodeputado, pela salvaguarda das línguas que preenchem certos pré-requisitos, essencialmente o português, congratulando-se pelo facto de, actualmente, a União Europeia reconhecer a importância de algumas línguas europeias, a nível global, para o desenvolvimento de relações mais próximas com Estados não Europeus²¹.

A União Europeia tem, apesar de tudo, mostrado sensibilidade aos argumentos dos defensores da importância de línguas como o português, exemplo disso foi a criação do Comissário Europeu para o Multilinguismo - actualmente dirigido por Leonard Orban - e que defende o multilinguismo como forma de aproximar os cidadãos, argumentando a necessidade de aprendizagem das línguas por parte dos europeus²². Tenta transmitir, portanto, a ideia de que a melhor forma de se criar um verdadeiro sentimento de união entre Europeus será através de uma troca de conhecimentos e experiências entre as diversas culturas e identidades europeias, sem que isso signifique o seu desaparecimento.

3. A LUSOFONIA

3.1. NO GLOBO

Portugal é um país singular e que representa um microcosmo da realidade actual do globo, na medida em que muitas culturas convergem no

²⁰ Simonetta Luz Afonso, *Promoção da Língua Portuguesa no Mundo*, Lisboa, Fundação Luso-Americana, 2008, p. 46.

²¹ José Ribeiro e Castro, "O Português, Língua da Europa", *Ciberdúvidas da Língua Portuguesa*, 2006 (em <http://www.ciberduvidas.com/lusofonias.php?rid=394>).

²² Leonard Orban, "Multilinguismo", Comissão Europeia, 2008 (em http://ec.europa.eu/commission_barroso/orban/index_pt.htm).

país, convivendo de uma forma, satisfatoriamente, pacífica²³. A lusofonia é apenas resultado da aventura expansionista portuguesa, sendo que esta atitude expansionista pode ser alargada ao movimento emigrante português, que caracterizou parte da segunda metade do século XX²⁴.

Nas palavras de Nicholas Ostler, o português é uma *'imperial language'*²⁵, tendo, por esse motivo, um futuro imprevisível dada a sua complexidade e características singulares. No entanto, Ostler afirma que a língua portuguesa terá dificuldades em se assumir como língua de comunicação global por estar bastante concentrada na América do Sul, mais concretamente no Brasil. Por outro lado, prevê-se que a fidelidade a línguas como a inglesa também possa diminuir se ocorrerem grandes alterações na estrutura económica global, pois o inglês, à semelhança do que aconteceu com o português, assentou muito da sua difusão no comércio internacional ao longo dos séculos²⁶.

Já David Graddol, reconhece o potencial da língua portuguesa, defendendo que o seu sucesso e crescimento como segunda língua estão intimamente dependentes de um programa de ensino capaz, sendo igualmente necessário um esforço e comprometimento dos governos em torno destes processos²⁷. Para Graddol, entre outros aspectos, o potencial da língua portuguesa está em dois vectores essenciais, o primeiro deles é o facto de muitos dos Estados vizinhos de países lusófonos, principalmente do Brasil, estarem a apostar no ensino da língua portuguesa com o objectivo de estreitar relações com os Estados lusófonos; o segundo vector está relacionado com o purismo da língua. Na realidade, Graddol chama a atenção para este facto, considerando que reservas e purismo excessivos

²³ Hélder M. Macedo, "Portugal: The New Frontier", in Asela Rodríguez de Laguna (ed.), *Global Impact of the Portuguese Language*, New Brunswick, Transaction Publishers, 2001, p. 4.

²⁴ Alfredo Margarido, *A Lusofonia e os Lusófonos: Novos Mitos Portugueses*, Lisboa, Edições Universitárias Lusófonas, 2000, pp. 11-12.

²⁵ A língua portuguesa no Mundo é resultado da expansão imperial de Portugal, foi de facto a língua representativa de um Império, apesar de já não existir.

²⁶ Nicholas Ostler, *Promoção da Língua Portuguesa no Mundo*, Lisboa, Fundação Luso-Americana, 2008, pp. 59-64.

²⁷ David Graddol, *Promoção da Língua Portuguesa no Mundo*, Lisboa, Fundação Luso-Americana, 2008, p. 31.

poderão causar um afastamento da língua pelas pessoas, salientando que grande parte das pessoas que procura aprender a língua portuguesa refere-se ao `português do Brasil'²⁸.

O actual Presidente da República Português, defendeu nos seus discursos, das celebrações de 10 de Junho, que os portugueses espalhados pelo Mundo estão na linha da frente no que diz respeito à afirmação do país no Mundo, mas realçando que cabe ao governo português manter a relação de proximidade entre o nosso país e as comunidades de emigrantes espalhadas pelo globo. A crescente globalização, promotora dos meios de comunicação e transferência de conhecimentos, é um enorme desafio para Portugal que deverá ser encarado como uma oportunidade²⁹.

No final de contas, os Estados têm consciência de que, num Mundo cada vez mais globalizado, não são as nações que moldam as culturas, mas são, ao invés, as culturas que definem as nações de hoje em dia³⁰.

3.2. NA UNIÃO EUROPEIA

Na União Europeia, Portugal é o único país lusófono, representando cerca de 10 milhões de cidadãos num total de cerca de 500 milhões de cidadãos europeus. Actualmente, não existe uma língua de trabalho na União Europeia, logo, todas as 23 línguas, partilhadas pelos 27 Estados-membros, são consideradas línguas oficiais da União Europeia. Esta situação aumentou, tanto o nível de burocracia da União Europeia, como os gastos na tradução de toda a documentação nas 23 línguas.

Ainda existe uma incógnita sobre os reais efeitos da integração europeia às identidades nacionais, de uma forma geral, e à identidade portuguesa, mais concretamente. Possivelmente, o processo de integração europeu não terá grandes consequências para a nação, nem para a

²⁸ Graddol, *op. cit.*, pp. 32-33.

²⁹ Aníbal Cavaco Silva, "Mensagem do Presidente da República dirigida às Comunidades Portuguesas por ocasião do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas", Presidência da República Portuguesa, 9 de Junho de 2008 (em <http://www.presidencia.pt/?idc=22&idi=17144>).

³⁰ Macedo, *op. cit.*, p. 10.

identidade nacional e, conseqüentemente, não afectará a forma de ser e estar do Português na Europa e no Mundo³¹.

Margarido, por seu lado, já transparece algumas preocupações sobre as conseqüências do processo de integração europeu na cultura e identidade nacionais. Em primeiro lugar, porque o proteccionismo continua, afinal de contas, a ser uma arma eficaz, tendo sido transportado dos governos nacionais para as instituições europeias que, segundo ele, denunciam os particularismos nacionais como uma agressão ao espírito «europeu»³². Em segundo lugar, as condições sobre as quais o processo de integração está assente, como são os tratados, impedem a afirmação dos particularismos nacionais, ao mesmo tempo que condicionam o acesso dos «Outros» à Europa³³. Estes são, aliás, alguns dos argumentos defendidos também pelos eurocépticos³⁴.

Não nos devemos esquecer, no entanto, que apesar da relevância da lusofonia, em termos globais, o português contabilizava, segundo dados de 2001, pouco mais de 3% dos cidadãos da União Europeia. Isto revela um dado preocupante, aos olhos de Isabel H. Faria, que é o facto de os cidadãos das comunidades emigrantes portuguesas não utilizarem a língua portuguesa ou não a referirem como língua de origem. Ao mesmo tempo, estas comunidades acabam por não optarem pela aprendizagem do português nas zonas onde estão assentes, podendo isso se justificar por três razões: primeiro, a diversidade da oralidade e da escrita que surge como complexa gerando muitas vezes confusão principalmente entre o português «de Portugal» e o português «do Brasil»; segundo, a proximidade existente entre o português e o espanhol que é uma língua em

³¹ José N. Ornelas, "Construction of Identity in Portuguese", in Asela Rodríguez de Laguna (ed.), *Global Impact of the Portuguese Language*, New Brunswick, Transaction Publishers, 2001, p. 159.

³² Alfredo Margarido salienta o facto de apesar de se querer defender o espírito 'europeu', este conceito ainda não está devidamente definido.

³³ As leis de circulação de bens e pessoas dentro do espaço europeu, mais concretamente no âmbito do Espaço Schengen, colocam entraves a Estados como Portugal de facilitar a entrada no seu território de naturais de outros Estados lusófonos.

³⁴ Margarido, *op. cit.*, p. 15.

maior expansão; terceiro, o prestígio de uma outra língua internacional, principalmente quando se trata de uma língua de trabalho³⁵.

Independentemente destas questões, críticas se colocam sobre a forma como se está a proceder à promoção e defesa da língua portuguesa no espaço europeu. Uma das críticas está ligada ao facto de não existir uma estratégia governamental da defesa e promoção da língua portuguesa e isso é mais fácil de se observar nos Estados que se tornaram independentes e onde se verificou a fragilização da língua portuguesa no território³⁶. Se existe uma falta de estratégia governamental nestes casos, esse problema pode ser estendido às comunidades portuguesas, emigrantes na União Europeia, que poderão, nas próximas gerações, vir a perder alguma da identidade nacional, fruto da fragilização da língua portuguesa. O Estado português tem a obrigação de desenvolver estratégias e políticas de promoção da nossa língua fora do país, assentando essas decisões quer nas comunidades portuguesas espalhadas pela Europa, quer nas instituições que trabalham na defesa da lusofonia, como o Instituto Camões.

Outras críticas são levantadas, como o facto de Portugal estar, porventura, a não dar o devido valor ao que realmente é essencial, esquecendo-se que a lusofonia precisa de ser alimentada e valorizada. Esta situação faz com que a lusofonia na Europa, por exemplo, esteja apenas a «aguentar-se», respondendo às circunstâncias e não prevenindo as situações³⁷. Por vezes dá a sensação que são outras partes que dão mais relevância à lusofonia, vejamos o caso da China, que aposta também na língua portuguesa em termos de preparação dos seus melhores quadros³⁸.

A lusofonia tem, como já observado anteriormente, algo a seu favor e que Hélder M. Macedo salienta. As fronteiras culturais de Portugal ultrapassam e estendem-se muito para além das fronteiras geográficas e

³⁵ Isabel H. Faria, "A Língua Portuguesa no Ano Europeu das Línguas", Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2001 (em <http://www.fl.ul.pt/pessoais/ailp/noticias/destaque.htm>).

³⁶ Margarido, *op. cit.*, p. 56.

³⁷ Orlando Castro, "Lusofonia, África, Portugal e a Europa", Notícias Lusófonas, 2006 (em <http://www.noticiaslusofonas.com/view.php?catogory=Bocas%20Lus%F3fonas>).

³⁸ Esta preparação assenta, no entanto, numa estratégia propositada de atingir novos mercados, mais concretamente, os mercados lusófonos.

políticas da União Europeia³⁹. A cultura portuguesa pode ser, de facto, considerada global, pois está presente nos mais diversos pontos do globo, vejamos, por exemplo, as notícias que deram cobertura às recentes comemorações de 10 de Junho, Dia de Portugal e de Camões, e que mostraram as celebrações tradicionais portuguesas um pouco por todo o Mundo, começando no Brasil, passando pelos Estados Unidos, estendendo-se ao continente africano e continuando no continente europeu.

Não obstante, Portugal continua a ser encarado como um país periférico e, em termos europeus, não deixa de ser verdade que geograficamente o é, ainda para mais tendo em consideração a localização das grandes potências europeias e da maioria das sedes das instituições europeias. Mas, também, não deixa de ser verdade que o centro, sem essas periferias, é significativamente mais pobre e menos relevante⁴⁰. Portugal, como centro da lusofonia, é o grande responsável pela promoção da língua portuguesa no Mundo, desempenhando um papel vital que conta com o apoio, sempre importante, dos outros Estados de língua oficial portuguesa, principalmente o Brasil.

Assente nos trabalhos do Instituto Camões, Simonetta Luz Afonso refere que a projecção da lusofonia por Portugal baseia-se em três cenários possíveis, a saber: (1) 'Portugal enquanto membro da CPLP'; (2) 'Portugal enquanto membro da União Europeia'; (3) 'Portugal em correlação com os seus próprios interesses sócio-políticos'⁴¹. Para o nosso caso interessa, com especial particularidade, o segundo cenário, ou seja, a 'promoção da língua portuguesa, da cultura portuguesa e das culturas em língua portuguesa enquanto Estado-membro da UE'. Neste enquadramento, Portugal tem marcada posição no seio da União Europeia pelo reconhecimento, cada vez maior, da importância da língua portuguesa como a 3ª língua europeia mais falada mundialmente, representativa de oito vozes culturais, numa 'Europa aberta à globalização real' e comprometida com a *Estratégia de Lisboa*. O trabalho do Instituto Camões, na dinamização do multilinguismo e na

³⁹ Macedo, *op. cit.*, p. 5.

⁴⁰ Macedo, *op. cit.*, p. 5.

⁴¹ Afonso, *op. cit.*, p. 46.

promoção da relação entre língua e economia, tem tido reflexo pelas universidades europeias⁴².

Finalmente, tem-se constatado uma evolução favorável na escolha do português como língua não materna, contribuindo para isso, no que diz respeito à Europa, factos como a livre circulação de pessoas e bens, que promovem novas oportunidades de trabalho e negócios. Exemplo disso, são o número crescente de espanhóis a querer aprender português de forma a entrarem no mercado luso⁴³, ou o número crescente de estudantes espanhóis, essencialmente na região da Galiza, que optaram pela aprendizagem do português. Outro caso, interessante, é o de algumas câmaras de comércio italianas que investiram na aprendizagem da língua portuguesa em busca de novas oportunidades de negócio⁴⁴.

A par disto, está outra situação curiosa, decorrente da nossa participação no projecto europeu, que foi a realização e celebração do «Ano Europeu de Línguas», em 2001, que estipulou um conjunto de línguas-alvo, para as quais seriam atribuídos financiamentos para projectos de promoção dessas mesmas línguas. Uma das línguas que saiu mais beneficiada foi a língua portuguesa, tendo sido destinados 57 dos 185 projectos à promoção do português, ou seja, cerca de 30%⁴⁵.

Isto coloca-nos a questão com a qual iniciamos este tópico, ou seja, o processo de integração europeu influencia de que forma a lusofonia e a sua preservação? Parece claro que se por um lado apresenta-se como uma forte promotora da diluição das diferenças culturais entre os Estados-membros, por outro lado, parece promover junto dos diversos cidadãos a necessidade de investimento na aprendizagem, por exemplo, de outras línguas tendo em vista objectivos académicos e profissionais.

⁴² *Id.*, p. 51.

⁴³ Esta situação verifica-se principalmente nas regiões fronteiriças com Portugal.

⁴⁴ Faria, *op. cit.*.

⁴⁵ *Ibid.*.

3.3. O PAPEL DOS EMIGRANTES

Segundo algumas estatísticas, cerca de um terço do povo português vive fora do país, o que para um país com a dimensão de Portugal é extremamente relevante. Destes, cerca de 350 mil saíram do país com destino à França no final da década de 1960, inícios da década de 1970. Hoje em dia a emigração continua, segundo Firmino Cachada, devido ao contínuo desnível económico do país, apesar de estarmos agora integrados na União Europeia⁴⁶. A presença de grandes comunidades de emigrantes portugueses, em Estados da União Europeia, por exemplo, deverá garantir que estes tenham o devido acesso ao ensino de português nesses Estados⁴⁷. Isto tem especial importância dado o facto de haverem cerca de 200 milhões de lusófonos espalhados por diversos Estados e regiões do globo, pelo que a criação de uma rede de ensino de português poderá ser um passo vital para a promoção e preservação da língua⁴⁸.

Da mesma forma, não se pode falar de uma plena integração do povo português, quando as fronteiras do povo são bem mais longas que as fronteiras de Portugal. Essa extensão do povo português tem-se fortalecido ao longo dos anos, de tal forma que não se torna estranho ouvir-se falar em português em qualquer parte do globo, demonstrando a importância e o desenvolvimento da língua portuguesa⁴⁹.

Para Aires Gameiro, são dois os canais principais da resistência da identidade portuguesa, pelos emigrantes e a sua descendência. O primeiro desses canais é, desde logo, a língua. Gameiro considera que os portugueses, emigrantes, sentem-se enquanto tais, desde que tenham alguém na família com quem possam partilhar a lusofonia. O segundo desses canais é a religiosidade. A manutenção da prática de rezas e festas

⁴⁶ Firmino Cachada, "A 'Diáspora' e Migrações dos Povos Lusófonos: Cinco Questões Maiores para um Debate", in Fernando Santos Neves (ed.), *A Globalização Societal Contemporânea e o Espaço Lusófono: Mitideologias, Realidades e Potencialidades*, Lisboa, Edições Universitárias Lusófonas, 2000, p. 122.

⁴⁷ Macedo, *op. cit.*, p. 10.

⁴⁸ Aires Gameiro, *Lusofonia e Identidade na Diáspora*, Lisboa, Editora Paulinas, 2000, p. 25.

⁴⁹ Cachada, *op. cit.*, pp. 124-127.

religiosas tradicionais, das terras de origem, no seio das famílias emigrantes, contribui para a preservação do sentimento de «ser Português»⁵⁰.

No entanto, há quem considere que a lusofonia ainda está longe de atingir uma situação de estabilidade, onde o seu futuro e preservação estejam garantidos⁵¹. Margarido considera, ainda, que Portugal nunca foi um país de emigrantes, mas sim um povo colonizador, visto que os Portugueses só se tornaram emigrantes quando se foi propagando a independência dos Estados e os Portugueses colonos optaram por manter-se nesses mesmos Estados, continuando com o mesmo sotaque e tradições de Portugal⁵².

Independentemente disto, parece-me claro que os emigrantes desempenham um papel fundamental na promoção e preservação da língua portuguesa, sendo importante, para isso, que eles mantenham o elo que os liga com Portugal. Um bom exemplo desse sentimento pôde ter sido observado na mobilização das comunidades emigrantes, em torno da selecção portuguesa de futebol, aquando da sua participação no Campeonato Europeu de Futebol, na Áustria-Suíça, e que chamou a atenção da comunicação social de outros países, dada a sua dimensão.

3.4. IMPORTANCIA DE PORTUGAL NA U.E.

Portugal tem um papel crucial na União Europeia. Tal afirmação poderá parecer exagerada, mas justificada nas palavras de Hélder M. Macedo,

'[...] Portugal has to fight the threatening sameness of the modern post-imperial world, in which multinational blocs are diluting national identities. On the one hand, it has to assert its cultural uniqueness within a unified Europe, thus contributing towards making the European Union a union of cultural diversity rather than sameness. On the other hand, the

⁵⁰ Gameiro, *op. cit.*, p. 26-27.

⁵¹ Alfredo Margarido, "Algumas Observações Anómicas sobre a Lusofonia", in Fernando Santos Neves (ed.), *A Globalização Societal Contemporânea e o Espaço Lusófono: Mitideologias, Realidades e Potencialidades*, Lisboa, Edições Universitárias Lusófonas, 2000, p. 29.

⁵² Margarido, *op. cit.*, pp. 35-37.

Portuguese must assert their awareness that they not only represent a minority culture in Europe, geographically surrounded by other national languages and cultures, but that they are also part of a worldwide multinational community of independent nation states that share the Portuguese language⁵³.

Portugal, no seio da Europa, sempre teve uma posição mais atlanticista, distanciando-se, inclusive, de países como a Espanha⁵⁴. Este posicionamento de alguns Estados europeus é, na minha óptica, essencial, desde logo, porque permite à União Europeia olhar para além das suas fronteiras. O apoio e a aliança com os Estados Unidos é essencial para a Europa em questões tais como a segurança.

Portugal também tem desempenhado um papel vital no seio da União Europeia no que diz respeito a um aprofundamento das relações com o continente africano e com o Brasil através, entre outras situações, da realização das primeiras cimeiras Europa-África e Europa-Brasil, durante as presidências portuguesas da União Europeia.

A relação da Europa com a África é importante por diversos motivos. Desde logo, estão os interesses particulares dos diversos Estados, e Portugal como país com relações privilegiadas com um grupo de Estados africanos desempenha um papel fundamental como elo de ligação; em segundo lugar, embora não claramente admitido, a Europa tem consciência que explorou o continente africano durante séculos olhando, exclusivamente, para o seu próprio 'umbigo', sendo igualmente responsável por muitos dos conflitos regionais e étnicos presentes actualmente no continente, fruto da contribuição da Europa na definição das actuais fronteiras dos Estados africanos, utilizando «régua e esquadro», tendo separado clãs e etnias seculares. Isto leva a que os Europeus tenham um certo sentimento de obrigação de apoio para com o continente africano; depois, a África dispõe, ainda, de enormes recursos naturais essenciais para

⁵³ Macedo, *op. cit.*, pp. 9-10.

⁵⁴ José Palmeira, "A Segurança Internacional também fala Português", *Perspectivas*, Vol. 1, 11, 2005.

a sobrevivência do continente europeu, pelo que a criação de sinergias é vital.

No que diz respeito à relação com o Brasil, este país sul-americano apresenta, actualmente, taxas de crescimento bastante relevantes ao mesmo tempo que dispõe de uma, cada vez maior, capacidade energética, com uma importância geoestratégica bastante significativa. Está, igualmente, cada vez mais perto de se tornar uma potência regional e mundial, que alimenta a sua vontade de ocupar um lugar de membro permanente no Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas. Dada esta situação, o papel de Portugal no aprofundamento da relação UE-Brasil é bastante relevante, dados os laços históricos que unem os dois Estados e, acima de tudo, a partilha da lusofonia.

Muitos gostariam que a União Europeia dispusesse de um lugar de membro permanente do Conselho de Segurança das Nações Unidas, no entanto, isso iria logo contra os melhores interesses quer do Reino Unido, quer da França, dado ambos deterem esse estatuto e não querer cedê-lo em prol de um lugar «europeu». A entrada do Brasil para esse grupo restrito seria, certamente, de grande interesse para Portugal trazendo vários benefícios, tal como José Palmeira refere. Em primeiro lugar, estaria no Conselho de Segurança um Estado com laços históricos de amizade com Portugal; em segundo lugar, daria à Comunidade de Países de Língua Portuguesa uma voz mais 'audível'; por outro lado, esse estatuto daria, por certo, uma maior relevância para Portugal no seio da própria União Europeia, pois seria visto como um intermediário ainda de maior importância entre a União Europeia e o Brasil⁵⁵.

Fernando Santos Neves, por seu lado, levanta a sua voz contra os que, segundo ele, 'pretendem afastar Portugal da Europa e da União Europeia', salientando o facto de que, sem a União Europeia, Portugal não teria hipóteses de sobreviver. Neves suporta-se nas palavras do anterior Presidente da República Português, Jorge Sampaio, acrescentando que Portugal deve ser 'Europeu enquanto Lusófono' e 'Lusófono enquanto Europeu'. Na opinião de Neves, Portugal deve aprofundar a sua «europeidade», estando bem consciente que o seu real peso europeu é,

⁵⁵ Palmeira, *op. cit.*, p. 119.

essencialmente, extra-europeu, dada a influência que poderá ter junto dos Estados lusófonos em busca de interesses que poderão, de igual forma, ir de encontro com os melhores interesses da União Europeia⁵⁶.

3.5. DESAFIOS DA LUSOFONIA

Tem havido, cada vez mais, uma pressão em torno de uma simplificação linguística na União Europeia que, no entender de Ribeiro e Castro, pode ameaçar a integridade da língua portuguesa e poderá, por outro lado, interessar a países como o Reino Unido, a França, ou mesmo a Alemanha. Ribeiro e Castro constata, igualmente, que a nível europeu as dificuldades de afirmação da lusofonia são imensas, dado o nosso peso demográfico, força económica e cultural, peso político e localização geográfica. No entanto, contrapõe estes factos, considerando que se a União Europeia aumentar a sua visão panorâmica, para um espectro global, Portugal deixa de se situar na periferia, colocando-nos a par da Europa no centro da globalização por causa da lusofonia⁵⁷.

Naturalmente que a União Europeia irá, mais tarde ou mais cedo, tentar instituir línguas de trabalho, colocando-se, desde logo, algumas dessas línguas no pelotão da frente, como o inglês, o francês e o alemão. À partida, as possibilidades do português inserir-se nesse lote são escassas, mas, volto a sublinhar, o português é uma língua global. Dado isto, os principais argumentos do país seriam: o facto da União Europeia dever ser um espaço aberto ao Mundo e que essa abertura deverá incluir os espaços lusófonos; e depois, o facto da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP) estar a ganhar consistência e relevância, podendo ser um parceiro estratégico da União Europeia.

Nesse sentido, porventura, surgiu a aposta num novo acordo ortográfico que aproxima o português «de Portugal» ao português «do Brasil». A fonética brasileira tem as suas vantagens sobre a portuguesa, como são `as suas vogais abertas, a sua lentidão, a sua capacidade erótica',

⁵⁶ Neves, *op. cit.*.

⁵⁷ Ribeiro e Castro, *op. cit.*.

que atrai mais as pessoas não lusófonas⁵⁸, servindo de estratégia à promoção, da língua portuguesa, no Mundo⁵⁹.

A solução passa pela valorização linguística e cultural da lusofonia, através da elaboração de uma efectiva política da língua por parte, não só de Portugal, como dos restantes países que partilham a língua portuguesa, como língua oficial do Estado⁶⁰.

Isabel H. Faria propõe uma política da língua assente em quatro pilares: o primeiro dos quais diz respeito a 'conhecer o outro e apresentar-se como é', que assenta num aprofundamento do conhecimento mútuo das diversas comunidades lusófonas; o segundo pilar é 'partilhar, no interior desta comunidade mundial de língua portuguesa, recursos de conhecimento', ou seja, a língua portuguesa tem de saber aproveitar a tecnologia advinda de um processo globalizante cada vez mais complexo, os sistemas de informação são, para isso, fundamentais; em terceiro lugar, 'passar de uma fase essencialmente de «informação» para uma fase de «conhecimento»', defende, portanto, uma defesa efectiva da língua portuguesa nas instituições internacionais por pessoas capazes de demonstrar a importância da lusofonia a um nível global; por último, 'construir novas parcerias e organizar novos perfis de agentes ligados à produção e à divulgação do conhecimento do português', que passa, essencialmente, pela aposta na investigação e o estabelecimento de parcerias assentes na importância da lusofonia. Para o sucesso destas metas, 'há que potenciar as organizações não governamentais na construção de uma frente de coesão social para a discussão e representação da língua portuguesa'⁶¹.

⁵⁸ De referir que Alfredo Margarido, nesta sua explicação, faz referência, na sequência do que alguns locutores defendem, ao português do Brasil como língua brasileira. Tal não parecerá correcto pois não deixa de se tratar da língua portuguesa ou da lusofonia. Esta controvérsia não se passa com a língua inglesa nem com a língua espanhola, logo, por certo, não se justificaria que a língua portuguesa fosse diferente, até porque tanto o Português entende, relativamente bem, o discurso de um Brasileiro e vice-versa.

⁵⁹ Margarido, *A Lusofonia e os Lusófonos: Novos Mitos Portugueses*, p. 7.

⁶⁰ Faria, *op. cit.*.

⁶¹ Faria, *op. cit.*.

À parte desses argumentos, Portugal e o seu governo têm nas suas mãos a obrigação de aumentarem a sua relevância no espaço europeu. Esse caminho pode ser atingido através de alguns factores começando, desde logo, pelas características geográficas do país. Portugal desfruta da maior zona económica exclusiva de toda a União Europeia, ao mesmo tempo que possui duas regiões autónomas geograficamente relevantes no Atlântico; outro factor é a capacidade para mediar relações entre a União Europeia e outros espaços geográficos, isso ficou bem patente na última presidência portuguesa da União Europeia no segundo semestre de 2007, com a realização das cimeiras União Europeia-África e União Europeia-Brasil; por outro lado, Portugal tem de mostrar a sua tendência universalista, bem patente no discurso do Presidente da República Português, nas celebrações do Dia de Portugal e de Camões, e que tem o seu expoente máximo nas comunidades de emigrantes espalhadas pelo globo⁶².

CONCLUSÃO

As consequências do processo de integração europeu sobre as culturas e identidades nacionais dos Estados-membros, estão, tal como visto, ainda por definir, ou seja, ainda não é muito claro em que medida o aprofundamento da União Europeia poderá influenciar a identidade de um país.

Isto pode dever-se a diversos factos. Desde logo, o aprofundamento da União Europeia está muito assente nas evoluções feitas a nível de integração económica, estando os Estados, de alguma forma, ainda bastante resistentes a ceder alguma da sua soberania às instituições europeias; outra justificação estará no facto de a União Europeia, no que diz respeito à língua, ter consciência de que o espaço europeu é bastante heterogéneo, este facto deverá ser respeitado segundo um princípio de igual tratamento dos membros. Essa consciência passa, desde logo, pela

⁶² Aníbal Cavaco Silva, "Discurso do Presidente da República na Sessão Solene das Comemorações do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas", Presidência da República Portuguesa, 10 de Junho de 2008 (em <http://www.presidencia.pt/?idc=22&idi=17148>).

aposta no multilinguismo, ou seja, na promoção da aprendizagem de outras línguas junto dos cidadãos europeus.

No entanto, Portugal deve, por seu lado, também estar consciente de que esta situação, muito provavelmente, alterar-se-á mais cedo ou mais tarde, até devido ao crescente número de Estados-membros da União Europeia. Nesse sentido, Portugal tem a responsabilidade de lutar pela defesa da lusofonia no espaço europeu. Como vimos, a sua relevância neste espaço é limitada, mas por outro lado, torna-se óbvio que a relevância da lusofonia em termos globais é muito maior e pode-se apresentar como algo de grande importância estratégica para a União Europeia, na sua relação com outros Estados.

Apesar da importância da lusofonia, a verdade é que têm sido apontadas graves deficiências na promoção e defesa da língua, especialmente em termos europeus. Estas acusações são principalmente dirigidas ao governo português, pela falta de aplicação de uma verdadeira política da língua portuguesa.

Face a estes problemas, as soluções podem passar por certos aspectos como, a aposta clara, por parte, não só do governo português, como dos restantes governos lusófonos, numa política da língua portuguesa junto das organizações internacionais e organizações não governamentais; o assumir, do novo acordo ortográfico, como parte da evolução da língua e necessário quando as pessoas que procuram o português como segunda língua referem-se, essencialmente, ao português «do Brasil»; uma maior acção de instituições como o Instituto Camões, em particular, e da sociedade civil, em geral, na promoção da língua portuguesa, destacando-se o papel das comunidades emigrantes; a aposta na evolução de organizações como a CPLP, que podem servir de ponte diplomática nas relações da União Europeia com a África, América do Sul e inclusive a Ásia e Oceânia.

Acima de tudo, Portugal tem de demonstrar a importância que tem no seio da Europa e mostrar que, apesar de ser um Estado considerado periférico da União Europeia, é também um Estado no centro do mundo lusófono, que é bastante extenso, justificando a sua natureza «universalista».

A questão que se coloca é se, Portugal irá, definitivamente, apostar numa política de promoção e defesa da língua portuguesa e se, essa política, irá ter resultados efectivos, numa Europa que enfrenta graves dificuldades em dar o próximo passo em termos de aprofundamento político, como ficou bem patente no voto dos Irlandeses sobre o Tratado de Lisboa.

BIBLIOGRAFIA

Fontes Primárias

Centro de Informação Europeia Jacques Delors, "UE e os Países de Língua Portuguesa", Eurocid, 2008 (em http://www.eurocid.pt/pls/wsd/wsdwcot0.detalhe_area?p_cot_id=799).

Comissão Europeia, "Multilinguismo", 2008 (em http://ec.europa.eu/education/languages/eu-language-policy/doc99_en.htm).

Comissão Europeia, *Um Desafio Salutar: Como a multiplicidade de Línguas poderia consolidar a Europa*, Bruxelas, European Commission Press, 2008.

Comissão Europeia, "O Multilinguismo na UE", União Europeia, 2005 (em <http://europa.eu/rapid/pressReleasesAction.do?reference=IP/05/1451&format=HTML&aged=0&language=PT&guiLanguage=pt>).

SILVA, Aníbal Cavaco, 2008 B. "Discurso do Presidente da República na Sessão Solene das Comemorações do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas", Presidência da República Portuguesa, 10 de Junho de 2008 (em <http://www.presidencia.pt/?idc=22&idi=17148>).

SILVA, Aníbal Cavaco, 2008 A. "Mensagem do Presidente da República dirigida às Comunidades Portuguesas por ocasião do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas", Presidência da República Portuguesa, 9 de Junho de 2008 (em <http://www.presidencia.pt/?idc=22&idi=17144>).

União Europeia, "Aprendizagem de Línguas", 2008 (em <http://europa.eu/languages/pt/chapter/14>).

União Europeia, "Diversidade Linguística", 2008 (em <http://europa.eu/languages/pt/chapter/5>).

União Europeia, "Diversidade Linguística – Actividades", 2006 (em <http://europa.eu/languages/pt/chapter/19>).

União Europeia, "Diversidade Linguística – Políticas", 2008 (em <http://europa.eu/languages/pt/chapter/18>).

União Europeia, "Os Europeus Unidos na Diversidade", 2008 (em http://europa.eu/abc/european_countries/languages/portuguese/index_pt.htm?_pt).

União Europeia, "Tecnologias Linguísticas", 2006 (em <http://europa.eu/languages/pt/chapter/17>).

Fontes Secundárias

Livros:

CAMISÃO, Isabel e LOBO-FERNANDES, Luís, *Construir a Europa*, S. João do Estoril, Principia, 2005.

GAMEIRO, Aires, *Lusofonia e Identidade na Diáspora*, Lisboa, Editora Paulinas, 2000.

GNESOTTO, Nicole e GREVI, Giovanni, *O Mundo em 2025*, Lisboa, Editorial Bizâncio, 2008.

HOBSBAWM, Eric, *Globalização, Democracia e Terrorismo*, Barcarena, Editorial Presença, 2008.

HUNTINGTON, Samuel P., *The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order*, Nova Iorque, Simon and Schuster Paperbacks, 2003.

MARGARIDO, Alfredo. 2000 A. *A Lusofonia e os Lusófonos: Novos Mitos Portugueses*, Lisboa, Edições Universitárias Lusófonas, 2000.

PALMEIRA, José, *O Poder de Portugal nas Relações Internacionais*, Lisboa, Prefácio, 2006.

SOARES, Bernardo, *Livro do Desassossego*, Coimbra, Alma Azul, 2007.

Artigos em revistas:

MARTINS, Vitor, "A Insustentável Leveza Política da União Europeia", *Revista Relações Internacionais*, Vol. 2, Junho de 2004.

PALMEIRA, José, "A Segurança Internacional também fala Português", *Perspectivas*, Vol. 1, 11, 2005.

VASCONCELOS, Álvaro de, "Os Trabalhos da União", *O Mundo em Português*, nº 56, Setembro/Outubro de 2004.

Artigos em obras colectivas:

CACHADA, Firmino, "A 'Diáspora' e Migrações dos Povos Lusófonos: Cinco Questões Maiores para um Debate", in Fernando Santos Neves (ed.),

A Globalização Societal Contemporânea e o Espaço Lusófono: Mitideologias, Realidades e Potencialidades, Lisboa, Edições Universitárias Lusófonas, 2000.

MACEDO, Hélder M., "Portugal: The New Frontier", in Asela Rodríguez de Laguna (ed.), *Global Impact of the Portuguese Language*, New Brunswick, Transaction Publishers, 2001.

MARGARIDO, Alfredo, 2000 B. "Algumas Observações Anómicas sobre a Lusofonia", in Fernando Santos Neves (ed.), *A Globalização Societal Contemporânea e o Espaço Lusófono: Mitideologias, Realidades e Potencialidades*, Lisboa, Edições Universitárias Lusófonas, 2000.

ORNELAS, José N., "Construction of Identity in Portuguese", in Asela Rodríguez de Laguna (ed.), *Global Impact of the Portuguese Language*, New Brunswick, Transaction Publishers, 2001.

Relatórios:

AFONSO, Simonetta Luz, *Promoção da Língua Portuguesa no Mundo*, Lisboa, Fundação Luso-Americana, 2008.

CARNEIRO, Roberto, *Language Learning in Europe: The Challenge of Diversity*, Estrasburgo, Council of Europe Press, 1994.

GRADDOL, David, *Promoção da Língua Portuguesa no Mundo*, Lisboa, Fundação Luso-Americana, 2008.

MACEDO, Jorge Braga de, *Europa e Lusofonia, Política e Financeira: Uma Interpretação*, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, 1996.

OSTLER, Nicholas, *Promoção da Língua Portuguesa no Mundo*, Lisboa, Fundação Luso-Americana, 2008.

Documentos da Internet:

CASTRO, Orlando, "Lusofonia, África, Portugal e a Europa", Notícias Lusófonas, 2006 (em <http://www.noticiaslusofonas.com/view.php?catogory=Bocas%20Lus%F3fonas>).

FARIA, Isabel H., "A Língua Portuguesa no Ano Europeu das Línguas", Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2001 (em <http://www.fl.ul.pt/pessoais/ailp/noticias/destaque.htm>).



NEVES, Fernando Santos, "11 teses sobre a lusofonia", Ciberdúvidas da Língua Portuguesa, 2003 (em <http://www.ciberduvidas.com/lusofonias.php?rid=110>).

ORBAN, Leonard, "Multilinguismo", Comissão Europeia, 2008 (em http://ec.europa.eu/commission_barroso/orban/index_pt.htm).

RIBEIRO E CASTRO, José, "O Português, Língua da Europa", Ciberdúvidas da Língua Portuguesa, 2006 (em <http://www.ciberduvidas.com/lusofonias.php?rid=394>).